

GALERIA A SALA DO CENTRO DE ARTES UFPEL COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA

KARINA GALLO; JACSON WESTPHALEN PIOVESAN; AMANDA MARTINS DE ABREU; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – karinag2706@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)– jacsonpiovesa@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – martinsdeabreuamanda@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A galeria A Sala do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas é um espaço destinado a receber exposições de arte que priorizam a produção de artistas pesquisadores, principalmente de âmbito nacional e local. Igualmente, procura fomentar a produção dos alunos formandos dos cursos de Artes Visuais do Centro de Artes/UFPEL com uma já tradicional exposição anual.

O espaço da galeria dentro do Centro de Artes/UFPEL é potente para a aprendizagem. Entendo que a relação com o ensino ultrapasse a oportunidade de contato e conversa sobre o trabalho de um artista com o próprio artista. Uma galeria de arte dentro de uma instituição de ensino pode promover a experiência de diversas atividades que compõem o funcionamento de um espaço de arte. Ações como a montagem, que muitas vezes envolve a presença do(s) artista(s), ou a mediação podem até alterar o modo que aquela exposição será apresentada, vista no espaço. Criando um espaço para a troca, interação, crescimento, aprendizado e experiência.

“É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” (BONDÍA, 2002). Podemos pensar a partir de Bondía o espaço da galeria A Sala como possibilidade de sujeito da experiência, sujeito que possibilita a formação de novos sujeitos da experiência.

Percebendo tal potência e certa carência de disciplinas voltadas para expografia ou para montagem de exposições nos currículos dos cursos de Artes Visuais do Centro de Artes, convém atentar para esse espaço como um espaço de formação. Pensando nisso, enquanto bolsista de ensino da Galeria A Sala, e por aprender nas experiências artísticas n'A Sala busco fomentar e tornar esse espaço de arte mais acolhedor e mais atrativo para os alunos, buscando formas de maior envolvimento e participação, de um modo a acolher os alunos no espaço.

2. METODOLOGIA

Com a intenção de dispor a Galeria também como espaço de ensino foi proposto, primeiramente, que A Sala tivesse suas montagens à portas abertas. Aos poucos as portas de vidro, que eram tapadas por papéis pardo e mantidas fechadas durante todas as montagens de exposições, mantém sua transparência e se abrem durante todos os processos de montagem desde 2015. “Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua

abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.” (BONDÍA, 2002)

Essa ação trouxe e traz olhares curiosos para galeria. Os alunos, que antes tentavam espiar alguma coisa nas frestas dos tapumes da porta, são surpreendidos com tamanha visibilidade dos processos de montagem. Noto que o espiar, transformou-se em participar. Com as portas abertas durante a primeira parte do processo de instauração de uma exposição, a montagem, os acadêmicos dos diferentes cursos do Centro de Artes têm acessado esse lugar para comentar e sempre querer saber mais. Essa curiosidade os levam a participar desse processo, seja indiretamente apenas como observador¹, ou diretamente, a partir de conversas com artistas ou pessoas que estão envolvidas na montagem, como mediadores, montadores, fotógrafos, etc. Nesse lugar de troca o aluno também se torna parte da montagem. Ele muitas vezes pode influenciar na montagem e até mesmo no próprio trabalho, pesquisa ou poética do artista.

A participação mais direta dá mais voz ao aluno e aumenta seu envolvimento com o espaço, levando essas pessoas que participam da montagem a habitar a galeria e fazer com que outras pessoas e colegas se movam nesse sentido. Habitar aqui não se refere apenas a estar dentro desse espaço, mas também se tornar parte dele e de suas transformações, criar laços.

Durante a montagem criam-se diálogos envolvendo artistas, professores e alunos, já que é desenvolvida em conjunto, as partes sempre buscam se ouvir e se completar, o que torna o ambiente harmonioso para a troca.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ocorreu no início do primeiro semestre do ano de 2016 a exposição “Desfronteras: Formandos Artes Visuais de 2015”. A exposição reuniu não só os vários artistas, formados pelos cursos de Artes Visuais do Centro de Artes/UFPEl, que ali iriam expor seus trabalhos, como vários alunos da referida instituição que se envolveram na montagem.

Com o ambiente da galeria movimentado por alunos da turma da disciplina de “Mediação Artística: experimentações *poeticoeducativas*” e pelo grupo de alunos do projeto de extensão “Patafísica: mediadores do imaginário” habitar a galeria parecia mais convidativo, acolhedor. O ambiente podendo ser visto do lado de fora convidou várias pessoas a adentrarem e dialogar durante a montagem. A partir dessas conversas entre artistas, mediadores, alunos ocorreram diversas mudanças, desde a expografia que foi pensada com o coletivo, até sugestões sobre a apresentação de trabalhos específicos que acabaram por modificá-lo diretamente. Por exemplo, um trabalho que consistia em três imagens “pixeladas” de tamanho variável do A4, cujo o artista não se encontrava na montagem, deixando-a livre, foram expostas na forma de lambe na galeria. Depois de muitos testes sem sucesso, pensados de forma coletiva, essa foi a ideia de um aluno que passou e entrou para olhar o que acontecia. Outro trabalho que primeiramente tinha a indicação de projeção de imagem/animação na parede, foi exposto em uma televisão de tubo no chão depois de uma conversa entre o artista e os mediadores.

¹ Entendo que participar pela *observação*, já se apreende informações e possíveis dúvidas e questões que podem surgir, experimentação daquela ação.

Essas pequenas intervenções além de ampliar a percepção das pessoas que ali estavam no espaço, impulsionaram as visitas das próprias exposições depois das aberturas, ou vernissages. Acredito que a participação, direta ou indireta, das pessoas durante o processo de montagem desperta curiosidade. Ficariam elas mais interessadas pela exposição por se sentirem parte do processo de construção, como ficou o resultado final?

Percebo que cada um presente naquela montagem, artistas, mediadores, alunos, coordenadores, professores ficaram intensamente felizes com o resultado final e com a harmonia que o espaço ganhou devido a movimentação que ocorreu.

Outra exposição que também me atravessou foi a “Tocar o tempo” de Márcia Sousa. A artista trabalha com a questão do tempo, propondo uma espécie de tempo lento. Talvez por isso mesmo ela preferiu um ambiente mais calmo e vazio para o trabalho. Mas quando proposto sobre a montagem de portas abertas ela concordou e se apropriou da ideia, de modo a deixar chá e biscoitos para receber as pessoas que passassem por lá. A própria artista colocou essa ação como importante no seu processo criativo. Nessa experiência a ação de troca durante a montagem também acarretou em mudanças na forma de exposição que Márcia havia pensado, projetado.



Figura 1. Conversa com os Alunos Durante a Montagem de “TOCAR O TEMPO”, 2016.

Depois dessas experiências o espaço também passou a ser habitado durante a exposição, os alunos não mais só passam por lá, eles param, sentam, observam, sentem a exposição, conversam sobre, seja com colegas ou mediadores, ou apenas se apropriam do espaço para conviver uns com os outros.

4. CONCLUSÕES

A ação alterou diretamente o movimento da galeria A Sala, proporcionando novas experiências para as pessoas que ali se encontraram e principalmente proporcionando um novo modo de se olhar para o espaço de uma galeria de arte dentro de uma instituição de ensino. Assim, entendo que o espaço expositivo é resignificado dentro do âmbito acadêmico como um espaço de ensino, de convívio e de crescimento tanto pessoal quanto coletivo. O ambiente com essas ações tem se tornado mais acolhedor para o público, um espaço de experiência. Essa movimentação potencializa a Galeria e faz com que se crie vínculos entre

alunos e o espaço acadêmico/artístico. A Galeria A Sala tem se mostrado de grande importância para a aprendizagem dos alunos que por ali passam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. Brasil: Martins Fontes, 2012.

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade Federal de Campinas, v.?, n.19, p.20 - 28, 2002.

HONORATO, C. Mediação na arte contemporânea: posições entre sistemas de valores adversos. **Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina**, Faculdade Santa Marcelina, V.3, n.3, p.52 - 68, 2009.